

**JOSÉ CARDOSO PIRES**

REPENSAR PORTUGAL

Um leitor de Sérgio — já não digo um crítico ou um especialista—um leitor, em suma, avisado sente-lhe no tom da exposição uma despojada ânsia de clareza e um desapego irreverente ao aparato tecnicista que o distanciam desde logo dos filósofos e investigadores do nosso tempo, mesmo daqueles que mais de perto se ajustaram ao pensamento sergiano. Isto, entre outras coisas, porque Sérgio formou a sua lógica racional na prática das matemáticas e na demonstração experimental cartesiana; e também porque quando escreve, põe como interlocutor ideal *O Jovem*, a quem se dirige sem artifícios paternalistas nem condescendências autoritárias. Daí que o seu estilo tenha aquele discorrer «pedagógico», aquele pensar em voz alta que é próprio de quem faz magistério público e procura dar-lhe forma actuante, imediata, interventora.

«Chama-me maluco um Professor catedrático porque falei de liberdade na educação dos jovens, de educação de autónomos pela autonomia,» escreve ele a abrir *Paideia-Sugestões e Conselhos de Há Mais de 30 Anos*. E o tom habitual é este. Tão incisivo como quando traça a sua magistral *Introdução Geográfico-Sociológica á História de Portugal*, tão frontalmente aberto à polémica como quando estuda Camões ou aborda o neo-kantismo. Tão vivo, diga-se, e tão alertado no diálogo que obstinadamente propõe em cada frase, que nos salta da leitura um irreprimível desejo de assumir como questão urgente o problema em que nos envolveu, seja ele o de uma especulação filosófica ou de uma circunstancial intervenção política.

Eu sei, todos nós sabemos, que em Sérgio, como nos grandes pensadores moralistas, a autenticidade mental e a acção cívica requerem uma afinçada clareza na comunicação. Que um Verney, arquitecto como ele da reforma pedagógica, assim fez e que os iluministas de setecentos, com a sua paixão da ordem científica, eram partidários declarados do traço directo a régua e esquadro. Mas em António Sérgio a toada inconfundível do discurso deriva não apenas de uma concepção militante da Cultura, não apenas da sua formação científica, mas de uma convicção muito extremada das zonas de audiência verdadeiramente dignas de atingir. O público que estimava mais válido procurou-o ele no Forum e na Escola, isto é, na intervenção em campanhas colectivas (movimentos eleitorais, cooperativistas, etc.) e na reforma das ideias como ministro e como escritor que se dirige ao *Jóven* para, com ele, discutir uma Cultura em crise e atalhar um Pensamento instalado em fórmulas feitas. «Cumpre que nos afastemos da pedagogia dogmática, desumana, passiva, que se tem usado até hoje», declara nas *Cartas de Problemática*, n.º 9. E no 4.º volume dos *Ensaio*s: «Não sou erudito nem pretendo sê-lo.»

Construída à margem e contra a pauta académica, a enorme obra sergiana revela-se num tom de voz bem mais jóven, mais clara e mais imaginativa do que aquele que se amolda aos compêndios. Esse tom compreendeu-o melhor do que ninguém a vanguarda das gerações universitárias até há uma boa dezena de anos e só os condicionalismos do meio e o exílio a que Sérgio a si mesmo se votou no resto da vida impediram que se prolongasse e se renovasse de audiência.

Joel Serrão, ao apresentar a sua notável *Antologia* de António Sérgio, situa em rápidas linhas aquilo que no momento da leitura me surgiu como o encontro das gerações com o Mestre. Um encontro dificultado por mil adversidades ambientes, deliberadamente dificultado. Mas assim mesmo, a lição e o exemplo moral desse homem acabaram por nos tocar

fundo, e se é certo que não tivemos tempo, muitos de nós, de o escutar e de «ler com ele» as nossas discordâncias, uma coisa nos ficou, mais do que todas, indelêvelmente gravada: a de que o génio e a juventude mental são valores inseparáveis e que só se está vivo enquanto se cria.

Criar, investigando — aí está a fórmula essencial. Sérgio, com o seu idolatrado cartesianismo de base, soube como raros intelectuais da nossa história, dinamizar a Cultura e descobrir-lhe dimensões aliciantes. Como esse idolatrado cartesianismo de base e com aquela sua «certa maneira de saber as coisas» (e de as comunicar), desenvolveu um tipo de reflexão dinâmica que prende logo de início pela abertura com que se dirige ao leitor e pela esquematização aliciante do método. Lembro-me de o ter ouvido, uma vez: «O que é preciso, meu amigo, é aprendermos todos a pensar» — e sublinho agora *todos* como já na altura tinha sublinhado para mim mesmo.

Vi nisto, recordo-me bem, todo um programa em definição. Pensar em comum, ou seja, em acção. (E para Sérgio a inteligência deriva de uma adaptação activa ao meio e tem um papel essencialmente criador...) De modo que pensar o país, rever a História, apetrechar a meditação eram, antes e acima de tudo, movimentos de civilização. Ele próprio o afirmou por outras palavras: «Não tiro da História uma «lição moral», tal como a concebia um Oliveira Martins, e não vou a ela para lhe pedir exemplos (...) O meu escopo não foi o de trazer para a ciência soluções eruditas mas o de pôr em relevo certos problemas sociais.»

Assim, «julgando o passado para nos libertarmos do passado», o apostolado solitário de Sérgio representa, para além de muitas e inestimáveis descobertas e independentemente de algumas discutíveis concepções filosóficas, um apetrecho de reflexão, um método e uma ideia actuante de Cultura que hoje mesmo, 1969, se revela de flagrante actualidade. A «cidade universitária», chamemos-lhe assim, tem na obra sergiana apontados alguns dos seus problemas fulcrais com uma antecipação de dezenas de anos; a sociedade portuguesa, tomada nas suas estruturas reformistas, viu-a Sérgio com um equacionamento profético de soluções; a imagem das «elites», tão contraditória e inconscientemente guardada em alguns intelectuais progressistas da dele e da nossa gerações foi persistentemente desmitificada pelo autor dos *Ensaio*s.

Quantos anos levará o País a inventariar criticamente o espantoso trabalho deste homem de excepção? Qual o montante dos prejuízos que lhe causou? A que ponto o aparecimento de um vulto de tamanha grandeza nos faz pressentir, já não digo as injustiças deliberadas que o atingiram, mas aquelas que caíram sobre as gerações seguintes, desprovidas do seu diálogo?

Passo em revisão os exemplos de sorte ingrata que é costume citar a propósito de Sérgio. Vejo-o no grande panteão, lado a lado com Herculano, com Antero. Mas não consigo encará-lo como estátua ponderosa venerada pelo mundo dos vivos. Para mim ele apresenta-se alto e esguio, solene no meio da multidão e estranhamente calmo, mas de olhar vivo parado sobre todos nós. Como se lhe tivessem apenas cortado a voz e aguardasse o momento da última palavra.